



# REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 27 – Ano 14 – Nº 27 – 1º semestre/2026  
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612  
[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 4 – SABOREANDO A VIDA: Uma jornada transpessoal através da consciência, complexos e espiritualidade

**João Carlos Paretti**

[jcparetti@hotmail.com](mailto:jcparetti@hotmail.com)  
 ABRAPET/APPT

**Idelzuite Veríssimo Vieira**

[verissimoidelzuite@gmail.com](mailto:verissimoidelzuite@gmail.com)  
 ABRAPET/APPT

**Oswaldo Leite Simões de Paiva**

[opaiva54@gmail.com](mailto:opaiva54@gmail.com)  
 UFPE/ABRAPET

**Adriana César Martins**

E-mail: [adrianacesarm@hotmail.com](mailto:adrianacesarm@hotmail.com)  
 ABRAPET/APPT

**Resumo:** O presente ensaio explora a sabedoria e a evolução da consciência sob a perspectiva da Psicologia Transpessoal, dialogando com a Psicologia Analítica de Jung, a tradição védica, o taoísmo e tradições míticas. A investigação parte de reflexões pessoais sobre o sentido da sabedoria, distinguindo-a de idade ou conhecimento acumulado, para situá-la como resultado de um processo integrativo que envolve dimensões biográficas, perinatais e transpessoais. Utiliza-se a cartografia da psique de Stanislav Grof, contemplando os níveis biográfico, perinatal e transpessoal, bem como a dinâmica dos COEXs e dos complexos, compreendidos como estruturas psíquicas que influenciam escolhas e comportamentos. As representações gráficas — espirais, círculos, cebolas, uroboros, cornucópia — funcionam como ferramentas epistemológicas que traduzem conceitos complexos e favorecem a integração entre teoria e experiência. A dimensão espiritual, expressa no eixo Self/Observador Compassivo, é apresentada como elemento central para orientar escolhas alinhadas ao amor, à verdade e à unidade. O texto relaciona padrões psíquicos individuais ao inconsciente coletivo, abordando a dificuldade de ampliação da consciência coletiva e os reflexos de padrões arquetípicos nas dinâmicas sociais e históricas. Por meio da articulação entre vivências, simbolismo e fundamentação teórica, o ensaio propõe um caminho de desenvolvimento que integra sombra e persona, dissolve identificações limitantes e amplia a percepção do self como eixo ordenador da vida.

**Palavras-chave:** Psicologia Transpessoal; Self; COEXs; Níveis de Consciência; Individuação.

**Abstract:** This essay explores wisdom and the evolution of consciousness from the perspective of Transpersonal Psychology, engaging in dialogue with Jungian Analytical Psychology, the Vedic tradition, Taoism, and mythical traditions. The investigation begins with personal reflections on the meaning of wisdom, distinguishing it from age or accumulated knowledge, and positioning it as the result of an integrative process that involves biographical, perinatal, and transpersonal dimensions. The essay draws on Stanislav Grof's cartography of the psyche, which encompasses the biographical, perinatal, and transpersonal levels, as well as the dynamics of COEX systems and complexes—understood as psychic structures that influence choices and behaviors. Graphical

representations—spirals, circles, onions, ouroboros, cornucopia—are employed as epistemological tools that convey complex concepts and foster integration between theory and experience. The spiritual dimension, expressed through the Self/Compassionate Observer axis, is presented as a central element guiding choices aligned with love, truth, and unity. The text connects individual psychic patterns with the collective unconscious, addressing the challenges of expanding collective consciousness and the influence of archetypal patterns on social and historical dynamics. Through the articulation of personal experience, symbolism, and theoretical foundation, the essay proposes a developmental path that integrates shadow and persona, dissolves limiting identifications, and expands the perception of the self as the organizing axis of life.

**Keywords:** Transpersonal Psychology; Self; COEX Systems; Levels of Consciousness; Individuation.

## 1 Introdução

Quando completei 63 anos, minha amiga Luciana me disse que essa é a idade do sábio, segundo a antroposofia. Mas o que é ser sábio? Vários pensamentos me surgiram: em algum lugar ouvi dizer que países com forte cultura de cuidado com os idosos tratam seus anciãos com respeito e atenção – tive o privilégio de estar em Taiwan e ver jovens dando massagem em idosos, nas calçadas, como parte de atividades corriqueiras do dia a dia. Também vi reportagem sobre como a cultura japonesa respeita seus idosos.

Mas idade é sinônimo de sabedoria? Claro que não, pois vi – e tenho visto – já encontrei muitos idosos tolos, no meu país e em outros. Também me lembrei da série televisiva *Cosmos*, em que Carl Sagan, mostrando uma gigantesca biblioteca, referia-se ao conhecimento acumulado da humanidade, dizendo que, mesmo que pudesse ler 24 horas por dia, uma vida não chegaria nem perto de abarcar tudo o que já havia sido descoberto até então. Ele concluía dizendo que deveríamos ler somente os livros que teriam real importância para nossa pequena existência.

Então, sabedoria é sinônimo de conhecimento? Com certeza não, pois muitas pessoas cultas não são sábias. Aqui me lembro de Lúcia Helena Galvão falando que inteligência é a arte da escolha. Do latim *intelligere* – saber escolher (*intus*, “entre”; *legere*, “escolher”). Assim, escolher quais livros ler, quais decisões tomar na vida, quais caminhos seguir é ser inteligente. Mas isto basta para se ser sábio? Não. É preciso saber escolher e, para escolher, é necessário ter sabor (do latim *sapere*, “saborear”, “saber”).

Arantes (2016) menciona que, na hora da morte, essa sabedoria que não tivemos durante a nossa jornada pode aparecer.

A primeira pergunta que nos fazemos quando confrontados com a finitude é: será que havia algum jeito de não estar ali? Vêm à nossa mente ideias como: “Ah, se eu não tivesse fumado, não teria câncer de pulmão!”; “Se não tivesse dirigido bêbado não estaria aqui!”; “Se tivesse vivido de um jeito mais saudável não estaria agora com as coronárias entupidas!”; “Se eu não tivesse nascido nessa família não teria esta doença!”. Quando temos tempo, podemos fazer uma nova escolha, pois o arrependimento pressupõe que ainda é possível fazer um retorno e seguir adiante pelo caminho que passamos a considerar certo. Quando não temos tempo, porém, o arrependimento é clássico: erramos e estamos condenados. Esquecemos que, quando fizemos aquela escolha (que hoje julgamos errada), nem nos demos conta de que estávamos indo para o lado errado. (Arantes, 2016, p. 91).

Se as escolhas que fazemos nos levam para o lugar errado, estaremos desperdiçando nossa energia e não acessaremos o saborear (saber) da vida. Representaremos nossas escolhas ruins por setas cinza e nossos limites de consciência da vida mal direcionada pelo desenho da nuvem (Figura 1), que foi formada pelas setas cinza (más escolhas).

**Figura 1:** Escolhas desnorteadas, desestruturantes – sem sabor



Fonte: O autor (2025)

O presente ensaio se fundamenta na premissa de que a sabedoria e a evolução da consciência não são meros produtos do acúmulo de idade ou conhecimento, mas resultam de um processo integrativo que envolve dimensões psicológicas, espirituais e arquetípicas. A Psicologia Transpessoal de Grof através de sua cartografia da psique, em diálogo com a Psicologia Analítica junguiana oferece um quadro teórico abrangente para compreender como as experiências biográficas, perinatais e transpessoais se interconectam na formação da psique.

A utilização de representações gráficas, como espirais, círculos, setas e símbolos míticos (uroboros, cornucópia), não se limita a uma função ilustrativa, mas atua como ferramenta epistemológica capaz de traduzir conceitos complexos em imagens estruturantes, facilitando a compreensão e a internalização de ideias abstratas. Essa abordagem visual dialoga com tradições simbólicas ancestrais e com a própria natureza imagética do inconsciente, fortalecendo a conexão entre teoria e vivência.

Do ponto de vista reflexivo, o ensaio propõe uma ponte entre a experiência pessoal — expressa em narrativas que questionam o significado da sabedoria — e as formulações teóricas de autores como Jung, Grof, Neumann, Eliade e Arantes. Essa articulação permite que as escolhas de vida sejam compreendidas não apenas como decisões racionais, mas como expressões de padrões psíquicos mais profundos, influenciados por COEXs e complexos, e potencialmente transformáveis pela consciência orientada pelo Self ou Observador Compassivo.

Assim, justifica-se a pertinência desta investigação por sua contribuição para o aprofundamento teórico-prático da Psicologia Transpessoal, oferecendo ao campo acadêmico uma reflexão integrada que une rigor

conceitual, clareza visual e profundidade experiencial. A proposta atende tanto à necessidade de um arcabouço científico consistente quanto à demanda por modelos compreensíveis e aplicáveis no contexto clínico, educacional e de desenvolvimento humano.

Neste sentido, o presente ensaio busca contemplar dois objetivos: a) Analisar as representações gráficas propostas (figuras e modelos visuais) como recursos de tradução simbólica dos conceitos de níveis de consciência, COEXs e processos de individuação, evidenciando como esses elementos visuais complementam e ampliam a compreensão teórica do tema e b) Refletir criticamente sobre a relação entre as escolhas de vida, os condicionamentos inconscientes e a ampliação da consciência, articulando fundamentos teóricos da psicologia transpessoal, da filosofia e da espiritualidade com experiências existenciais e interpretações simbólicas, visando compreender o papel do Self ou Observador Compassivo como eixo integrador.

## 2 Fundamentação Teórica

### 2.1. O Self e a Individuação

Para Jung (2011), o Self — nosso arquétipo central — é o centro ordenador da vida e nos conduz, desde o nascimento, à meta da individuação. Jung via no Self o elemento responsável pelos primórdios da vida psíquica e afirmava que as metas mais elevadas do indivíduo eram direcionadas a esse centro: “O Self tem o caráter de algo que é um resultado, uma finalidade que é atingida pouco a pouco e por meio de muito esforço. Assim, pois, representa a meta da vida [...]” (Bloise, 2000, p. 161).

Portanto, além de considerá-lo a totalidade da psique, Jung (2011) o trata como o centro ordenador dessa totalidade.

Na Clínica Kosmos Transpessoal, o Self é compreendido como: “O Observador ou Testemunha Amorosa” — aquela dimensão inviolável do ser, “a natureza última” dos ensinamentos budistas, que precisa ser cultivada e atualizada pela/na relação com o mundo (Ferreira; Silva; Cunha, 2024, p. 234).

Assim, individuação diferentemente de individualismo, diz sobre a realização das qualidades coletivas do ser humano, sendo um processo de desenvolvimento psicológico que o torna único buscando realizar a peculiaridade do seu ser.

Este mal-entendido é geral, uma vez que não se distingue corretamente individualismo de individuação. Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social [...]. A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna único que de fato é. Com isso não se torna “egoísta”, no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente de egoísmo ou individualismo. (Jung, 2014, p. 63).

Segundo a tradição védica, nossas ações, quando pautadas por uma ética de unidade, constituem o Dharma.

Dharma é a ação correta que adotamos como padrão para pautar nossas atitudes, que devem ser norteadas pelo princípio de que vivemos como uma Unidade. Do ponto de vista dos conhecimentos espirituais védicos, tudo e todas as pessoas são uma coisa só. Então minha ação não pode prejudicar, machucar ou agredir o outro, porque assim eu estaria gerando sofrimento para mim mesmo num futuro próximo. Tampouco posso destruir a natureza, pois também faço parte dela e, depois de algum tempo, estarei à mercê das consequências desastrosas do desequilíbrio ecológico. Sem falar no sofrimento que isso vai acarretar para milhares de pessoas que dependem dos recursos naturais para viver. (Baba, 2022, p. 25).

No Taoísmo, o modo de viver de um sábio é conhecido como Te.

Quanto mais nos aprofundamos no pensamento taoísta, mais relevante a figura do sábio se torna. Entre suas características principais e respon-

sável, em parte, pelo seu curioso modo de viver, encontra-se o Te. Descrito às vezes como a virtude do homem do Tao, pensei em traduzir o termo por ‘experiências e insights arquetípicos buscados dentro do ser’. (Bloise, 2000, p. 49).

Segundo Watts, citado por Bloise: “Te é a virtude natural, baseada em sentimentos internos, bastante diferente da virtude artificial, baseada na obediência a regras.” (Bloise, 2000, p. 53).

Diferente das escolhas feitas a partir do *status quo*, o sábio taoísta age, quando necessário, a partir de um estado de consciência ampliada.

Em calma, em um estado de serenidade e introversão, o sábio conecta-se aos fatos e, quando necessário, age. Percebe-se, então, que essa virtude é dificilmente ensinada, pois o indivíduo precisa senti-la, vivenciá-la mais do que compreendê-la. O conhecimento é captado intuitivamente, graças a um estado de união com a totalidade. (Bloise, 2000, p. 49).

Para Arantes (2016), é a partir do eixo da espiritualidade que a vida se movimenta em todos os planos: “Penso na espiritualidade como um eixo que faz com que eu me movimente na relação comigo mesma, com a minha vida, na relação com o outro, na relação com a sociedade, com o Universo, com a Natureza e com Deus.” (Arantes, 2016, p. 84).

O sábio que tudo superou aceita a morte e a vida como aspectos do mesmo fenômeno:

Conclui-se, então, que o sábio sente a presença do cósmico e evita o que pode fixá-lo no plano humano. Ao saber lidar com seus desejos, evitando excessos, ao cuidar do corpo e tranquilizar sua mente, ele favorece que o Tao, por meio do Te, se manifeste e o conduza. Assim, naturalmente, ele vai abdicando de valores tão caros à humanidade, como o poder, o prestígio e a riqueza, **para** abraçar algo que lhe é essencial. Pratica o desapego sem exagerar nas privações, aceita a morte e a vida como aspectos do mesmo fenômeno. (Bloise, 2000, p. 57).

O círculo da Figura 2 representa uma mente calma, em paz, cujas escolhas estão guiadas pelo eixo do Self (ou Te).

**Figura 2:** Escolhas sábias



Fonte: O autor (2025)

Círculo harmonioso simbolizando as escolhas convergindo em direção ao Self (Norte) então estaremos a caminho do sábio, pois construiremos o nosso entorno em consonância com nosso SER podendo saborear (saber) cada instante vivido. A mente calma se forma a partir de escolhas sábias (setas azuis) orientadas do centro para fora e de fora para dentro através da vida que interage conosco. O eixo vertical em amarelo representará nosso arquétipo principal, o Self da teoria Junguiana, *Imago Dei* ou o Observador Compassivo.

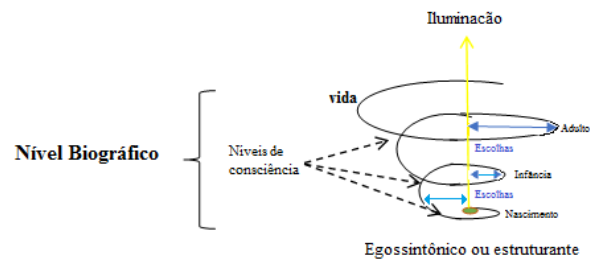
Porém agir a partir desse eixo não é fácil, pois nossas escolhas estão influenciadas por COEXs (veremos adiante), que desviam nossa energia de nossa boa aventura, além do que a vida muda a cada instante e se mantivermos nossas escolhas fixas, estaremos “engessando” nossa personalidade (ego estruturado) e azedando o saborear da vida.

## 2.2. Níveis de Consciência na perspectiva de Stanislav Grof

Representaremos, por um ponto vermelho na Figura 3, a consciência no momento do nascimento. À medida que nos desenvolvemos psíquica e biologicamente, ampliamos nossa percepção de mundo por meio dos sentidos, incluindo o paladar (por exemplo, inicialmente o contato com o seio materno ou a mamadeira que nos nutre, posteriormente a percepção da mãe, do pai, etc.). A cada ampliação, o ponto se expande para um círculo

maior, representado pela espiral na Figura 3, simbolizando a expansão da consciência.

**Figura 3:** Espiral evolutiva dos níveis de consciência



Fonte: O autor (2025)

No início da vida, as escolhas estão inteiramente nas mãos daqueles que cuidam de nós, e tais escolhas influenciarão todo o nosso percurso existencial. Infelizmente, quando pais ou cuidadores não desenvolveram competências adequadas — metaforicamente, “não aprenderam a cozinhar bem” — muitas vezes será necessário “fazer do limão uma limonada”, sob pena de perpetuarmos padrões que “azedam” nossa experiência vital.

É fundamental destacar que o desenvolvimento humano não ocorre isoladamente: a presença de outras pessoas é indispensável em toda a trajetória de vida.

Quando as escolhas — próprias ou mediadas por pais e cuidadores na infância — se alinham a valores de afeto, cuidado e ética relacional, entramos em um processo de espiral evolutiva associado a um ego estruturante (ou egossintônico), conforme ilustrado na Figura 3. Nesse contexto, a construção do self se dá de forma integrada, permitindo que a identidade se consolide em harmonia com o desenvolvimento afetivo, cognitivo e espiritual. De modo que “Se a nossa espiritualidade estiver sobre uma base de Amor e Verdade, vivenciados e não somente conceituados, não importa o caminho que escolhermos, a vida dará certo. Sempre”. (Arantes, 2016, p. 89).

Dessa forma seríamos egossintônicos onde as sombras e personas iriam se integrando à medida que nos relacionássemos com a vida sem se identificar com conteúdos mentais, capacitando-nos a ampliar os níveis de consciência.

Aqui se busca integrar sombra e persona, de forma a surgir um “ego estável”, egossintônico, capaz de suportar os processos de desi-

dentificação necessários ao crescimento psicológico e ampliação das fronteiras de si. (Ferreira; Silva; Cunha, 2024, p. 104).

A figura 3 seria a representação de uma vida em perfeita evolução onde desde a gestação, infância, adolescência e vida adulta, todas as escolhas que fizeram por nós ou feitas por nós mesmos foram sabias e amorosas, mas sabemos empiricamente que isso é impossível.

Cada anel da espiral representaria um nível de consciência. Essa espiral perfeita (figura 3) estaria representando uma mente calma, tranquila interagindo, de forma centrada, com as agruras da vida sem se identificar.

A evolução dos níveis de consciência por estágios reflete a evolução dos estágios do consciente coletivo. Segundo Neumann (1995, p. 16): “A evolução da consciência por estágios é, ao mesmo tempo, um fenômeno humano coletivo e um fenômeno individual particular”. Assim, deve-se considerar o desenvolvimento ontogenético uma recapitulação modificada do filogenético.

Acontece que na gestação e parto somos levados a intensas vivências que nos desestabilizam e desestruturam. Tudo o que a mãe vivencia de forma saudável ou não, afetará nossa formação. Os momentos que antecedem o parto e o parto são cruciais na nossa existência. Passamos por vivências que nos levam a sentir o fim, onde não há saída, até momentos de extrema força e ímpeto de vida para conseguir nascermos. Esse é verdadeiro mito do herói-heróina que jaz em nosso inconsciente pessoal/coletivo.

Stanislav Grof propõe uma cartografia da psique dividida em três níveis:

Minha própria tentativa de criar um mapa da psique que retratasse adequadamente o espectro experiencial das sessões psicodélicas exigiu uma expansão radical do modelo de psique usado pela psiquiatria convencional, adicionando duas grandes regiões. A primeira delas, o domínio perinatal, está intimamente relacionada à memória do nascimento biológico, e a segunda, o domínio transpessoal, se sobrepõe em certa medida ao inconsciente coletivo histórico e arquetípico de C. G. Jung, embora o expanda e modifique. (Grof, 2019, p.76, tradução própria).

**Nível Biográfico:** Experiências pessoais e memórias.

O domínio biográfico da psique consiste de nossas memórias de infância, adolescência e vida adulta. [...] Na realidade, a imagem da psique utilizada nos círculos acadêmicos limita-se exclusivamente a este domínio e ao inconsciente individual. (Grof, 2000, p.36).

**Nível Perinatal:** Traumas e vivências relacionadas ao nascimento, divididos em quatro Matrizes Perinatais Básicas (MPBs).

As experiências originadas no nível perinatal do inconsciente aparecem em quatro padrões experienciais distintos, cada um dos quais caracterizado por emoções, sentimentos físicos e imagens simbólicas específicas. Esses padrões estão intimamente relacionados às experiências que o feto tem antes do início do nascimento e durante os três estágios consecutivos do parto biológico. Essas experiências deixam profundas marcas inconscientes na psique que, mais tarde na vida, exercem uma influência importante sobre o indivíduo. Eu me refiro a essas quatro constelações dinâmicas no inconsciente profundo como Matrizes Perinatais Básicas ou MPBs. O espectro de experiências perinatais não se limita àquelas que podem ser derivadas dos processos biológicos e psicológicos envolvidos no parto. As matrizes perinatais formam partes integrantes dos sistemas COEX que também contêm memórias pós-natais e experiências transpessoais com as quais compartilham as mesmas qualidades arquetípicas. Estas podem alternar com a revivência das memórias fetais ou aparecer simultaneamente com elas em várias combinações. As MPBs representam importantes portais de entrada para o inconsciente coletivo descrito por C. G. Jung. A identificação com o bebê que enfrenta a provação da passagem pelo canal de parto parece fornecer acesso a experiências envolvendo pessoas de outras épocas e culturas, vários animais e até figuras mitológicas. (Grof, 2019, p. 214, tradução própria).

**MPB1 – Matriz perinatal básica I: União Primordial com a Mãe**

Essa matriz refere-se à existência intra-uterina anterior ao início do trabalho de parto. O universo de

experiências deste período pode ser chamado de universo amniótico. O feto não tem percepção de fronteiras e não diferencia entre interno e externo. (Grof, 2000, p. 51).

#### MPB2 - Matriz perinatal básica II: Engolfamento Cósmico e Sem Saída ou Inferno

No primeiro estágio do parto biológico totalmente desenvolvido, as contrações do útero comprimem o feto periodicamente, mas a cérvix ainda não está aberta. Cada contração causa compressão das artérias uterinas e o feto é ameaçado pela falta de oxigênio. (Grof, 2000, p. 54).

#### MPB3 - Matriz perinatal básica III: A Luta de Morte-Renascimento

“[...] o segundo estágio clínico do parto biológico, a propulsão através do canal de parto após a abertura do colo do útero e a descida da cabeça até a pélvis. Nesse estágio, as contrações uterinas continuam, mas a cérvix já está dilatada e permite a gradual propulsão do feto pelo canal de parto. Isso envolve pressões mecânicas esmagadoras, dores e muitas vezes um alto grau de anoxia e asfixia.” (Grof, 2000, p. 57).

#### MPB4 - Matriz perinatal básica IV: A Experiência de Morte-Renascimento

Essa matriz está relacionada com o terceiro estágio clínico do parto, a expulsão final do canal de parto e o corte do cordão umbilical. (Grof, 2000, p. 65).

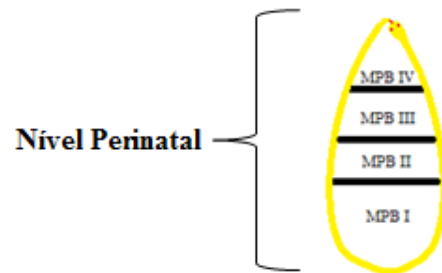
Vivências nessas matrizes ficarão gravadas em nós e moldarão a nossa jornada de vida. De modo que:

Os padrões experienciais associados à revivência dos estágios consecutivos do nascimento (Matrizes Perinatais Básicas, ou MPBs) fornecem modelos lógicos e naturais para os sintomas e a maneira como eles se agrupam em síndromes. O fato de que no cerne dos transtornos emocionais está o trauma do nascimento, um processo de vida e morte, explica a intensidade e a profundidade que, de outra forma, seriam incompreensíveis. Extremos

de comportamento humano — violência desenfreada que leva a assassinatos brutais e suicídios violentos — precisam ter uma fonte de intensidade e relevância comparáveis. (Grof, 2019, p. 21, tradução própria).

Na Figura 4 temos representada por uma gota-uroboros às quatro matrizes do nível perinatal.

**Figura 4:** Gota-uroboros representando as MPBs.



Fonte: O autor (2025)

Frédéric Leboyer, pai do nascimento sem violência, inspirado em práticas orientais buscando diminuir o trauma do nascimento propõe um ambiente mais suave e acolhedor para o parto. Em seu livro publicado de 1974 *Pour une naissance sans violence*, já apontava para o horror do nascimento.

O que faz o horror do nascimento é a intensidade, a amplitude da experiência, sua variedade, sua riqueza sufocante. Já dissemos que se acredita que recém-nascido não sente nada. Ele sente tudo. Tudo, totalmente, sem escolha, sem filtro, sem discriminação. A quantidade de sensações que o assola no nascimento ultrapassa tudo o que possamos imaginar. É uma experiência sensorial tão vasta que não podemos mesmo concebê-la. Os sentidos do recém-nascido funcionam, e como! Possuem toda a acuidade e o frescor da juventude. O que são os nossos sentidos comparados aos das crianças? O que são nossos sentidos comparados aos dos animais? Temos a pele tão sensível quanto a dos crocodilos ou a dos rinocerontes. E as sensações do nascimento tornam-se ainda mais fortes pelo contraste com o que foi vivido antes. Os sentidos funcionam bem antes de a criança estar entre nós, no nosso mundo. Sem dúvida, as sensações ainda não são organizadas em percepções ligadas umas às

outras, equilibradas. O que as faz ainda mais forte, selvagem, intoleráveis, aflitivas. (Leboyer, 1989, p.30).

A primeira vivência de nossa formação intrauterina marca em nosso ser o símbolo primordial da unidade, do ovo cósmico, a uroboros. Esses símbolos míticos ficaram gravados em todos nós para nossa jornada de herói/heroína.

O primeiro ciclo do mito é o mito da criação. Aqui, a projeção mitológica do material psíquico surge na forma cosmogônica, como mitologia da criação. O mundo e o inconsciente predominam e formam o objeto do mito. O ego e o homem encontram-se apenas nascentes, sendo o seu nascimento, o seu sofrimento e sua emancipação as etapas do mito da criação. No estágio de separação [...] essa semente penetra no segundo ciclo, ou seja, o mito do herói [...]. (Neumann, 1995, p.25).

Assim,

A perfeição daquilo que repousa em si mesmo não contraria, de forma alguma, a perfeição daquilo que circula em si mesmo. Embora sendo algo estático e eterno, imutável e, portanto, sem história, o repouso absoluto é, ao mesmo tempo, o lugar de origem e a célula-semente da criatividade. Vivendo no ciclo de sua própria vida, é a cobra circular, o dragão primal do princípio, que morde a própria calda, a autogerada Uroboros. (Neumann, 1995, p.28).

A uroboros, símbolo dos pais primordiais, em seu primeiro movimento criativo do vir-a-ser, faz a roda da vida girar em ascensão iniciando a espiral evolutiva.

A uroboros, o grande redondo, não é somente o ventre, mas também os “pais primordiais”. O pai primordial está unido, na unidade urobórica, à mãe primordial, sendo eles inseparáveis. [...] A imponência desse símbolo primordial da psique não reside apenas no fato de ele conter em si o estado não diferenciado, a transcendência dos opostos e a união; a uroboros simboliza também o impulso criador do novo começo, a “roda que gira por si mesma”, o primeiro movimento e a espiral, como

o movimento ascendente em círculos da evolução. (Neumann, 1995, p. 33).

**Nível Transpessoal:** Experiências que transcendem o indivíduo, incluindo memórias ancestrais e identificações arquetípicas.

Nos últimos anos de pesquisa psicodélica, Grof (2000) se debruçou em compreender as memórias ancestrais e filogenéticas, experiências de vidas passadas, identificação experiencial com animais e plantas, domínios históricos e arquetípicos, sincronicidades, consciência cósmica e criatividade superior. Por esse prisma Grof percebeu que o nascimento não era a questão principal sendo que as MPBs são manifestações das dinâmicas arquetípicas.

Nessa nova compreensão, o nascimento perdeu seu papel dominante e a ênfase principal mudou para a dinâmica arquetípica. As matrizes perinatais básicas (MPBs), padrões experienciais que governam a revivência dos estágios do nascimento biológico, tornaram-se manifestações e expressões específicas dessas dinâmicas arquetípicas. Essa mudança conceitual também possibilitou conectar minha nova estrutura conceitual à astrologia arquetípica desenvolvida por Richard Tarnas e seus colegas. A aliança entre essas duas disciplinas trouxe clareza e refinamento à compreensão das experiências psicodélicas e de Respiração Holotrófica, bem como de episódios de emergência espiritual, o que antes era impossível de alcançar. (Grof, 2019, p.15, tradução própria).

Grof incluiu em seu mapa cartográfico da psique humana o nível transpessoal (ir além-pessoal) a partir de experiências realizadas com estados holotrópicos de consciência. Essas experiências transcendem nossas fronteiras de espaço tridimensional e tempo linear fazendo com que nossa percepção de corpo e ego se dissolva.

O segundo principal domínio que, quando trabalhamos com estados holotrópicos, precisa ser adicionado à cartografia da psique humana desenhada pela psiquiatria dominante é agora conhecido pelo nome de transpessoal. O significado literal desse termo é “atingindo o além-pessoal” ou “transcendendo o pessoal”. As experiências que se dão nesse nível envolvem a transcen-

dência das nossas fronteiras usuais (nosso corpo e ego) e das limitações do espaço tridimensional e do tempo linear que restringem nossa percepção do mundo nos estados comuns de consciência. (Grof, 2000, p. 69).

De modo que:

O domínio Transpessoal explica fenômenos tais como a experiência de identificação com outras pessoas, animais, plantas e outros aspectos da natureza [...] fonte de memórias ancestrais, raciais, filogenéticas e cármicas, assim como de visões de seres arquetípicos e de regiões mitológicas. As experiências extremas nessa categoria são a identificação com a Mente Universal e com o Vazio Supracósmico e Metacósmico (Grof, 2000, p. 35).

Na formação embrionária são os fatores transpessoais que iniciam nosso desenvolvimento psíquico. Segundo Neumann os arquétipos funcionam como elementos estruturais da psique e se assemelham a formação dos órgãos físicos que se maltratados nos adoecem.

Na história da humanidade, assim como no desenvolvimento do indivíduo, há, de início, preponderância de fatores transpessoais; só no curso do desenvolvimento é que o domínio pessoal se torna visível e alcança independência. (Neumann, 1995, p.16).

Assim,

Os elementos estruturais arquetípico da psique são órgãos psíquicos de cujo funcionamento depende o bem-estar do indivíduo e cujo dano acarreta desastrosas consequências. São, ademais, causas infalíveis das desordens neuróticas e mesmo psicóticas, e se comportam exatamente como órgãos físicos ou sistemas funcionais orgânicos negligenciados ou maltratados. (Neumann, 1995, p. 13).

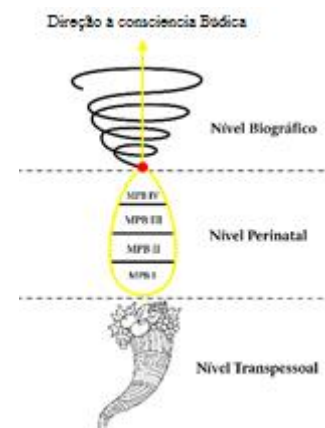
Representaremos o nível transpessoal pela imagem da cornucópia (figura 5), onde na mitologia Grega fornece o alimento inesgotável, “uma cornucópia plural criativamente avançando em múltiplas direções ontológicas”. (Ferreira; Silva; Cunha, 2024, p. 20).

**Figura 5:** Cornucópia simbolizando o nível transpessoal.



Em nosso modelo gráfico na figura 6 onde estão representados todos os níveis da cartografia de Grof, a espiral está representando uma evolução consciente, caracterizando uma jornada em total consonância com nosso Self ou Observador Compassivo, onde atingiríamos níveis de consciência cada vez maiores até a consciência Búdica.

**Figura 6:** Modelo da cartografia de Grof com todos os níveis



Fonte: O autor (2025).

Mas sabemos vivencialmente que estar nesse planeta é um continuum desafiar (renunciar a fé) e fiar (ter fé), morrer e nascer, solvet et coagula (dissolver e coagular).

Assim como Jung, Stanislav Grof identificou estruturas que influenciam, determinam e moldam nossas escolhas e maneiras de interpretar o mundo, ajudando, mas também atrapalhando (na maioria das vezes) nossa evolução. Jung chamou-as de Complexos e Grof de COEXs.

### 2.3. COEXs e Complexos

Na terceira conferência de Tavistock proferida em 1935, Jung já sabia da autonomia dos complexos e seu poder de nos adoecer psíco e fisicamente.

Um complexo é um aglomerado de associações [...] por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria, podendo perturbar o coração, o estômago, a pele. Comporta-se, enfim, como uma personalidade parcial. Quando se quer dizer ou fazer alguma coisa e, desgraçadamente, um complexo intervém na intenção inicial, acaba-se dizendo ou fazendo a coisa totalmente oposta ao que se queira de início. Há subitamente uma interrupção, e a melhor das intenções acaba sendo perturbada, como se tivéssemos sofrido a interferência de um ser humano ou de uma circunstância exterior. Sob essas condições somos mesmo forçados a falar da tendência dos complexos a agirem como fossem movidos por uma parcela de vontade própria. (Jung, 1972, p.100).

E de forma semelhante aos complexos, os COEXs são entendidos por Grof:

Os sistemas COEX desempenham um papel importante em nossa vida psicológica: eles podem influenciar a maneira como percebemos a nós mesmos, as outras pessoas e o mundo, bem como nos sentimos e agimos. Eles são as forças dinâmicas por trás de nossos sintomas emocionais e psicossomáticos, dificuldades nos relacionamentos com outras pessoas e comportamentos irracionais. [...] descobri que existe uma interação dinâmica entre os sistemas COEX e o mundo externo. Eventos externos em nossa vida podem ativar especificamente os sistemas COEX correspondentes e, inversamente, os sistemas COEX ativos podem determinar como percebemos a nós mesmos e ao mundo, e fazer com que nos comportemos de tal forma que recriemos seus temas centrais em nossa vida presente. (Grof, 2019, p. 197, tradução própria).

A diferença do Complexo descrito por Jung para o COEX descrito por Grof é que Jung não incluiu na dinâmica do complexo o nível perinatal.

Na base de cada complexo, Jung encontrou um princípio universal governante, ou um "arquétipo". Para Jung, esse complexo era composto de material biográfico e arquetípico. Ele não incluiu nele nenhum elemento perinatal, pois não acreditava que o nascimento biológico tivesse qualquer relevância para a psicologia. (Grof, 2019, p. 196, tradução própria).

Da mesma forma que Grof foi atualizando o entendimento da cartografia da psique na medida em que se aprofundava Jung também foi atualizando a psicologia analítica, sendo que ambos entenderam que COEX & Complexo tem suas bases no inconsciente mais profundo.

Em Grof (2019, p. 197, tradução própria) temos: "De acordo com minhas observações, o campo arquetípico do COEX geralmente alcança mais profundamente a psique, até os níveis perinatal e transpessoal".

Nise da Silveira, médica alagoana, que trouxe a psicologia analítica para o Brasil explica:

Com efeito, os complexos poderão ser agrupados em categorias definidas (complexo mãe, complexo pai, complexo de poder, complexo de inferioridade, etc.). "A constatação de que existem tipos bem caracterizados e facilmente reconhecíveis de complexos sugere que estes repousam sobre bases igualmente típicas". Tais bases seriam os arquétipos, isto é, os alicerces da vida psíquica comuns a todos os seres humanos. Visto nesta perspectiva, por trás de suas características exclusivamente pessoais, o complexo mostraria conexões com os arquétipos, ou seja, haveria sempre uma ligação entre vivências individuais e as grandes experiências da humanidade. (Silveira, 2011, p. 33).

Quanto às definições de Jung, Nise esclarece que: "Não se surpreenda o leitor de encontrar através da obra de Jung definições de complexo que não se superponham exatamente [...]. Sua obra é um organismo que cresceu e transformou-se enquanto foi vivo o autor." (Silveira, 2011, p. 33).

Um COEX (Condensed Experience) é composto por: memórias de carga emocional correlatas com um tema básico e camadas que se relacionam aos diferentes períodos da vida da pessoa

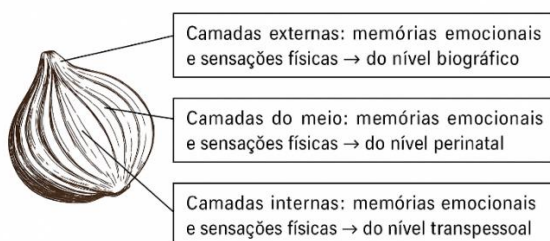
Um sistema COEX consiste em memórias com carga emocional, de diferentes períodos de nossas vidas, que se assemelham pela qualidade da emoção ou sensação física que compartilham. Cada COEX tem um tema básico que permeia todas as camadas e que representa seu denominador comum. As camadas individuais contêm variações desse tema básico que ocorrem em diferentes períodos da vida da pessoa. (Grof, 2000, p. 37).

As experiências difíceis que passamos durante a vida podem ou não serem traumáticas, pois cada ser humano terá sua própria relevância emocional na experiência. Assim, “[...] é a intensidade da experiência e sua relevância emocional que determinam se uma memória será incluída ou não em um COEX e não sua natureza desagradável.” (Grof, 2000 p. 37).

Segundo Murray Stain: “Um complexo colhe nova energia psíquica para si de duas maneiras: (a) de novos traumas que lhe associam e o enriquecem como novo material, e (b) do poder magnético de seu núcleo arquetípico”. (Stein, 2007, p.72)

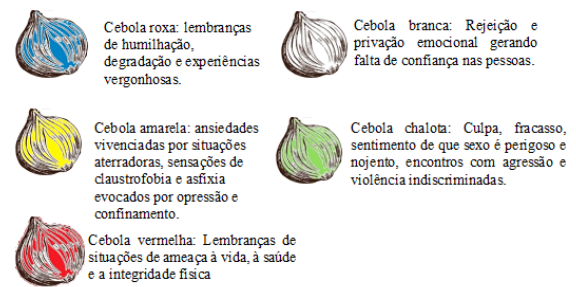
Representaremos os COEXs por cebolas, figura 7, assim as camadas da cebola representarão as memórias emocionais nos diferentes períodos de nossas vidas e os diversos tipos de cebola representarão os diferentes temas das emoções/sensações físicas que caracteriza um COEX.

**Figura 7:** Cebola simbolizando COEX.



Fonte: O autor (2025).

Os temas de alguns COEXs descritos por “Grof, 2000, p. 37” serão representados por tipos de cebolas.



Fonte: O autor (2025).

Essas imagens reforçam a ideia de que a evolução da consciência é um processo dinâmico e não linear.

### 3. Discussão

#### 3.1. A Influência dos COEX nas Escolhas

Os COEXs, representados como "cebolas" (Figuras 7), agrupam memórias emocionais de diferentes períodos da vida. Eles podem ser positivos ou negativos, moldando percepções e ações.

Os traumas das matrizes perinatais organizadas em COEXs podem moldar nossa percepção de Mundo influenciando nossas escolhas e ações, roubando nossa energia, desnorteando-nos de nossa boa aventura.

Reforçadas por experiências emocionais significativas da infância e da vida adulta organizadas em sistemas COEX, as matrizes perinatais podem moldar nossa percepção de mundo, influenciar profundamente nosso comportamento diário e contribuir para o desenvolvimento de várias desordens emocionais e psicossomáticas. Na escala coletiva, podemos encontrar ecos das matrizes perinatais na religião, arte, na mitologia, na filosofia e em várias formas de psicologia e psicopatologia social e política. (Grof, 2000 p. 51).

De modo que “Eles são as forças dinâmicas por trás dos nossos sintomas emocionais e psicossomáticos, dificuldade em relacionamentos com outras pessoas e comportamentos irracionais”. (Grof, 2000, p 38).

As escolhas influenciadas pelos COEXs atrapalham nossa consciência da percepção do mundo e de corpo, conseqüentemente, ações que tomamos influenciada por esses COEXs dificultam nossa jornada de vida desnorteando-nos, porém nem todo COEX é negativo e esses nos ajudam e nos estruturam facilitando ao caminho da boa aventura.

Pois, “Além das constelações negativas, há também aquelas que compreendem memórias de situações e momentos muito agradáveis ou até êxtase”. (Grof, 2000, p. 37).

Em suas últimas pesquisas Grof (2019) sustenta que os COEXs são princípios organizadores gerais da psique e que os sistemas COEXs podem ser melhores entendidos pela dinâmica arquetípica de Richard Tarnas.

Agora vejo os sistemas COEX como princípios organizadores gerais da psique humana. Durante nossa pesquisa conjunta, que agora se estende por um período de mais de quarenta anos, Richard Tarnas e eu descobrimos que a fenomenologia dos estados holotrópicos em geral, e dos sistemas COEX em particular, pode ser mais bem compreendida através das lentes da dinâmica arquetípica. (Grof, 2019, p. 194, tradução própria).

De forma semelhante Jung entende que os complexos fazem parte da estrutura da psique e tanto podem trazer bem-estar como destruição. Pois, “É dos complexos que dependem o bem-estar ou infelicidade de nossa vida pessoal. Eles são os Lares e os Penates que nos aguardam à beira da lareira e cuja paz é tão perigoso enaltecer.” (Jung, 2009, p. 35). E continua: “Por isto, me sinto antes inclinado a admitir que os complexos autônomos se contam entre os fenômenos normais da vida e determinam a estrutura da psique inconsciente”. (Jung, 2009, p. 39).

Tanto Grof como Jung chamam essa influência de constelações.

O inconsciente de um indivíduo em particular pode conter várias constelações principais de COEX. Seu número, intensidade e a natureza dos temas centrais variam consideravelmente de pessoa para pessoa. (Grof, 2019, p. 192, tradução própria). A constelação é um processo automático que ninguém pode deter por vontade própria. Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria. (Jung, 2009, p. 29).

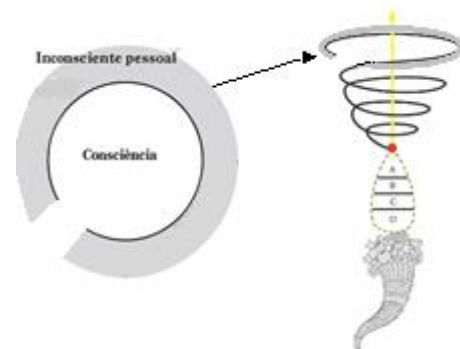
Os acontecimentos em nossas vidas podem ativar algum COEX e “reciprocamente, os sistemas COEX ativos podem nos fazer perceber e reagir de tal forma que recriamos seus temas centrais em nossa vida atual.” (Grof, 2000, p. 38).

Na perspectiva de complexo temos:

O estímulo ambiental simplesmente estimula ou libera a energia que está contida no complexo. Em termos finalistas, o complexo seria visto como procurando descarregar sua energia e retornar a um nível energético inferior. Ele faz isso introduzindo no sujeito consciente um pensamento, sentimento ou disposição, ou fantasia, e isso pode levar a pessoa a comportar-se de certo modo. (Stein, 2007, p.72).

Adicionando a representação gráfica do inconsciente pessoal no modelo gráfico por um anel cinza em torno do círculo (consciência), teremos a figura 8:

**Figura 8:** Representação do Inconsciente pessoal no modelo por um anel cinza.



Fonte: O autor (2025).

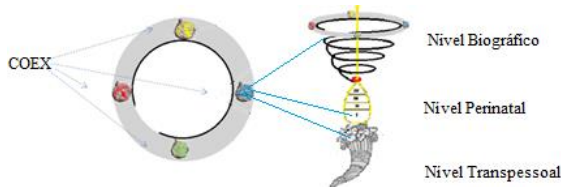
Trataremos o inconsciente pessoal como uma camada mais superficial do inconsciente onde ficam conteúdos reprimidos de origem pessoal. Ali estão incluídas percepções e impressões subliminares, traços de acontecimentos ocorridos na vida e perdido pela memória consciente, recordações penosas para serem lembradas e materiais com forte carga afetiva incompatíveis com a atual estrutura do ego.

Apesar de os elementos inconscientes não serem diretamente observáveis, podemos classificar seus produtos, que atingem os domínios da consciência, em duas espécies: a primeira contém material reconhecível, de origem definitivamente pessoal; são aquisições do indivíduo ou produtos de processo instintivos que completam, inteiram a personalidade. Há ainda os conteúdos esquecidos ou reprimidos, mais os dados criativos. Nada existe de natureza particular, em tais fatores.

Dei a essa classe de dados o nome de mente subconsciente ou inconsciente pessoal, porque, dentro dos limites do nosso julgamento, creio ser tal camada inteiramente composta de elementos pessoais e componentes da inteireza da personalidade humana. (Jung, 1972, p. 59).

Na figura 9 estão representados os COEXs inseridos no inconsciente pessoal. O COEX definido como humilhação, que foi representado pela cebola roxa na figura 7, tem sua camada mais externa relacionada à memórias com o nível biográfico, a camada mediana memórias relacionada com o nível perinatal (MPB I), e a camada mais profunda memórias relacionadas com o nível transpessoal.

**Figura 9:** Representação dos COEXs inseridos no Inconsciente pessoal.



Fonte: O autor (2025).

Essa ligação dos COEXs aos níveis mais profundos da psique confere extraordinário poder dinâmico aos sintomas neuróticos, psicossomáticos e psicóticos.

O que confere aos sintomas neuróticos, psicossomáticos e psicóticos seu extraordinário poder dinâmico e seu conteúdo específico são as complexas constelações COEX, não limitadas às camadas biográficas, mas alcançando profundamente até os domínios perinatais e transpessoais. (Grof, 2000, p. 85).

Agora vamos entender o papel da espiritualidade neste processo.

### 3.2. O Papel da Espiritualidade

Antes de definirmos o que entendemos por consciência em nosso modelo é importante esclarecer que sua estrutura, conteúdo e formatação irão dependerem do nível desta. Nascemos e iniciamos nossa jornada com traços de consciência, logo, fragmentos de conteúdos. Alguns poucos de nós se tornam “iluminados”, conhecidos como tendo Consciência Búdica, Consciência Cósmica, Nirvana, Tao, etc. onde se vivencia a

totalidade. Entre estes polos existem infinitos níveis onde caminha a humanidade.

Sustenta a psicologia transpessoal que existe um amplo espectro de estados alterados de consciência, que alguns desses estados são potencialmente úteis e funcionalmente específicos (isto é, possuem funções não disponíveis no estado normal, mas carecem de outros) e que alguns deles são verdadeiros estados “superiores”. Superiores é usado aqui no sentido de Tart: São dotados de todas as propriedades e potenciais dos estados inferiores, além de algumas que faltam a estes. Além disso, um grande número de obras de uma variedade de culturas e de disciplinas de crescimento confirma serem esses estados superiores alcançáveis. (Vaughan; Walsh. 1997, p. 61).

De uma forma simples Stein (2007, p. 24) define consciência como: “o estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos. É o estar desperto e atento, observando e registrando o que acontece no mundo em torno e dentro de cada um de nós.”

Uma das características que aponta a diferença entre a consciência búdica e a “normal” seria a capacidade de não se identificar.

O que o desenvolvimento faz à consciência é adicionar-lhe um conteúdo específico. Em teoria, a consciência humana pode ser separada do seu conteúdo – os pensamentos, lembranças, identidade, fantasias, emoções, imagens e palavras que afluem e se aglomeram no seu espaço. Mas, na prática, isso é quase impossível. De fato, só os iniciados espirituais de um nível avançado parecem ser capazes de fazer essa distinção de um modo convincente. É verdadeiramente um sábio que pode separar a consciência do seu conteúdo e logra manter uma coisa separada da outra, aquela cuja consciência não é definida por identificações com pensamentos e imagens selecionados. Para a maioria das pessoas, porém, a consciência sem um estável objeto para servir-lhe de ancora, de fundamento, parece ser uma coisa extremamente efêmera e transitória. A substancialidade da

consciência e o sentimento de solidez são tipicamente fornecidos por objetos e conteúdos estáveis tais como imagens, recordações e pensamentos. (Stein, 2007, p. 25).

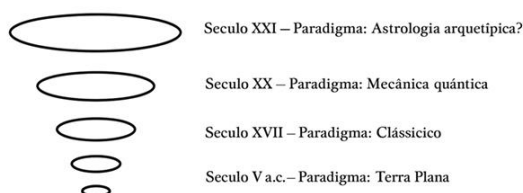
As identificações nos coíbem de desenvolvemos tanto internamente como externamente.

As psicologias transpessoal e oriental também reconhecem a identificação exterior, mas sustentam que a identificação com fenômenos e processos interiores (intrapésíquicos) é ainda mais significativa. Nesse caso, define-se a identificação como o processo pelo qual alguma coisa é vivenciada como o eu. Além disso, esse tipo de identificação mantém-se não reconhecido por quase todos, incluindo psicólogos, terapeutas e cientistas do comportamento, devido ao nosso grande envolvimento com ele. Quer dizer, é tamanha a nossa identificação que jamais nos ocorre questionar aquilo que parecemos tão claramente ser. As identificações validas por consenso não são reconhecidas porque não são questionadas. De fato, toda tentativa de submete-as a julgamento pode encontrar considerável resistência dos outros. (Vaughan; Walsh, 1997, p. 63).

### 3.3. Ampliação da Consciência Coletiva.

Partindo da perspectiva de um inconsciente coletivo, fica evidente a dificuldade de sua ampliação ao longo do tempo (Figura 10). Algumas vezes, no entanto, é possível acessar níveis expandidos de consciência por meio do uso de enteógenos ou de rituais que possibilitam a poucos essa expansão, podendo originar um potencial ampliação da consciência coletiva.

**Figura 10:** Representando a amplitude da consciência coletiva, relativo a ciências, por círculos que vão aumentando de tamanho com o passar dos séculos, esses círculos seriam as mudanças de paradigmas da humanidade em geral.



Fonte: O autor (2025).

Por exemplo, a partir do século V A.C., filósofos gregos como Platão e Aristóteles começaram a defender a ideia de uma Terra esférica. Sabe-se que, na Grécia Antiga, existia o Templo de Delfos, onde ocorriam rituais conhecidos como Mistérios de Elêusis, nos quais se fazia uso da poção sagrada *Kykeon*, capaz de ampliar a consciência.

A chave para a poderosa transformação que os iniciados vivenciavam no curso dos Mistérios de Elêusis era a poção sagrada *kykeon*, capaz de induzir visões da vida após a morte tão poderosas que mudavam a maneira como os participantes viam o mundo e seu lugar nele [...]. As importâncias culturais desses mistérios para o mundo antigo e seu papel ainda não reconhecido na história da civilização europeia tornam-se evidentes quando percebemos que havia muitas figuras famosas e ilustres da antiguidade entre os iniciados. A lista de neófitos incluía os filósofos Platão, Aristóteles e Epicteto, o líder militar Alcibiades, os dramaturgos Eurípidés e Sófocles. (Grof, 2019, p. 49, tradução própria).

O uso do *Kykeon* possivelmente possibilitava o acesso a estados holotrópicos de consciência, semelhantes aos induzidos pelo LSD.

Os detalhes dos procedimentos de expansão da consciência envolvidos nesses ritos secretos permaneceram em grande parte desconhecidos, embora três cientistas respeitáveis — o micologista Gordon Wasson, o descobridor do LSD-25, Albert Hofmann, e o estudioso grego Carl Ruck — tenham coletado evidências impressionantes de que a poção sagrada *kykeon*, usada nos Mistérios de Elêusis, era uma mistura contendo alcaloides de ergot semelhantes ao LSD. (Grof, 2019, p. 51, tradução própria).

No entanto, o fato de ainda hoje existirem grupos que defendem que a Terra é plana evidencia a enorme dificuldade humana em ampliar seus horizontes. Mesmo com os avanços das ciências — química, física, biológicas, tecnológicas — seguimos destruindo nossa casa (Gaia) e a nós mesmos, esmagando e diminuindo o espírito humano.

Enquanto escrevo estas linhas, ouço a notícia de que Trump enviou dois submarinos nucleares para a costa russa com o objetivo de “acabar” com a guerra da Rússia com a Ucrânia. Guerra para acabar com a guerra. Estamos longe de sermos sábios. Também escuto a notícia de um homem que desfigurou sua namorada com 61 socos.

Neumann observa que:

A evolução da consciência por estágios é, ao mesmo tempo, um fenômeno humano coletivo e um fenômeno individual particular. Assim, deve-se considerar o desenvolvimento ontogenético uma recapitulação modificada do desenvolvimento filogenético. (Neumann, 1995, p. 16).

Grof (2019) afirma que os reflexos da guerra, impulsos de violência e desvios autodestrutivos são ecos pessoais instaurados em nossas matrizes perinatais.

Diante desse aspecto da MPB III, podemos vivenciar crueldades de proporções espantosas, manifestando-se em cenas de assassinatos violentos e suicídios, mutilações e automutilações, massacres de vários tipos, guerras e revoluções sangrentas. Frequentemente, elas assumem a forma de tortura, execução, sacrifício ritual e auto sacrifício, combates sangrentos entre homens e práticas sadomasoquistas. Nessas experiências, impulsos violentos, destrutivos e autodestrutivos estão associados a uma forte excitação sexual. (Grof, 2019, p. 227, tradução própria).

#### 4. Conclusão

A reflexão desenvolvida neste ensaio evidencia que a sabedoria não se reduz à idade cronológica ou ao mero acúmulo de conhecimento, mas emerge de um processo de integração que atravessa os níveis: biográfico, perinatal e transpessoal, conforme a cartografia proposta pela Psicologia Transpessoal. Essa integração requer a presença do Self ou Observador Compassivo como eixo organizador da experiência, permitindo transcender condicionamentos, integrar complexos e reconfigurar sistemas COEX.

As figuras apresentadas — setas, nuvens, círculos, espirais e símbolos míticos — não cumprem apenas função ilustrativa, mas operam como mapas simbólicos que traduzem

conceitos complexos em imagens estruturantes. A nuvem formada pelas más escolhas (Figura 1) revela o obscurecimento da consciência; as espirais (Figuras 4 e 5) indicam o movimento de expansão e contração da psique; e os símbolos arquetípicos como o *Axis Mundi*, o uroboros e a cornucópia (Figuras 7 a 9) expressam a centralidade do Self como elo entre o humano e o transcendente.

Dessa forma, nosso eixo — Self, Observador Compassivo — torna-se o eixo que liga céu e terra, o *Axis Mundi*, o eixo da vida, a coluna no centro do universo. Como afirma Eliade (1992, p. 56): “Essa sede ontológica manifesta-se de múltiplas maneiras. A mais evidente, no caso específico do espaço sagrado, é a vontade do homem religioso de situar-se no próprio coração do real, no Centro do Mundo: quer dizer, lá onde também existe a possibilidade de comunhão com os deuses; numa palavra, lá onde se está mais próximo dos deuses”. Nesse mesmo sentido, Bloise (2000, p. 50) lembra: “Na China, esse eixo simbolizaria a possibilidade de o homem elevar-se por ele e atingir a identidade com o Tao”.

O campo transpessoal manifesta-se como dimensão que integra as experiências sombrias e luminosas, orientando a vida para além do ego e abrindo espaço para vivências de unidade, amor e consciência expandida. Assim, ao articular teoria, vivência e representação simbólica, o trabalho demonstra que a evolução da consciência é um caminho espiralado, em que cada retorno ao centro amplia a visão, aprofunda o sentido e fortalece a presença no aqui e agora — essência da experiência transpessoal.

#### Referências

- ARANTES, Ana Cláudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.
- BABA, Prem. *Plenitude: a vida além do medo*. São Paulo: Maquinaria Editorial, 2021.
- BERTOLUCCI, Evelyn. *Psicologia do sagrado: psicoterapia transpessoal*. São Paulo: Ágora, 1991.
- BLOISE, Paulo V. *O tao e a psicologia*. São Paulo: Angra, 2000.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, A. L.; SILVA, S. C. R.; CUNHA, D. P. *Klínica Kosmos Transpessoal*. Recife: Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar, 2024.

GROF, Stanislav. *The way of the psychonaut: encyclopedia for inner journeys. Volume One*. Saline: McNaughton & Gunn, 2019.

GROF, Stanislav. *Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas de consciência*. Niterói: Heresis, 2000.

JUNG, C. G. *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Obras Completas, v. 9/II. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 2009.

JUNG, C. G. *Fundamentos de psicologia analítica: as conferências de Tavistock*. Petrópolis: Vozes, 1972.

JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2014.

LEBOYER, Frédérick. *Nascer sorrindo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

NEUMANN, Erich. *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVEIRA, Nise da. *Vida & obra de Jung*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

STEIN, Murray. *Jung: o mapa da alma – uma introdução*. São Paulo: Cultrix, 2007.

VAUGHAN, Frances; WALSH, Roger N. *Além do ego: dimensões transpessoais em psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1997.